

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Apropriação de Espaços Culturais pelos alunos de Educação de Jovens e Adultos-EJA:
um relato de experiência**

Érica Melanie Ribeiro Nunes*
Lígia Vilela Félix**

Resumo: O artigo propõe-se, através de um relato de experiência, problematizar questões acerca da utilização do espaço de uma casa de cultura na EJA. O relato refere-se à experiência de visita à exposição “Arte Italiana do MASP” na Casa FIAT de Cultura - Nova Lima-MG, da qual participaram turmas de EJA da Fundação de Ensino de Contagem, em abril de 2006.

Palavras-chave: Educação em espaços não-formais, Educação de Jovens e Adultos e Ensino de História.

Abstract: The objective of this article is to bring up questions on the use of a Culture House in the classes of EJA (Education of Young and Adults Students) through a report of an experience. The report refers to the visitation of the exposition “Arte Italiana do MASP” at Casa FIAT de Cultura - Nova Lima City-MG, that was visited by some classes of EJA from Fundação de Ensino de Contagem, in April, 2006.

Keywords: Education in informal places, Education for Young and Adults Students, History teaching.

A atualidade das discussões sobre a educação em espaços não-formais nos coloca a questão das possibilidades e desafios da educação histórica em espaços culturais, principalmente, em casas de cultura e museus. Segundo Robert Yves (YVES, 1984), o objetivo da história é restituir a dinâmica do momento de forma a proporcionar a compreensão dos fatos. Os museus e as casas de cultura, por sua vez, buscam criar relações entre os objetos, as idéias e os conceitos envolvidos, num processo dinâmico que proporciona “fala” ao patrimônio. Esses espaços estão se consolidando cada vez mais como locais de educação, de troca de opiniões, de emoções e de convivência.

A experiência museal pode ser utilizada no ensino de história na medida em que cria condições para a aprendizagem baseada na metodologia de investigação (IGLESIAS et alli, 1994:182), que permite ao educando suscitar questões, buscar respostas, refletir sobre conteúdos já estudados em sala de aula, podendo desconstruir e reconstruir discursos.

* Licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, professora da Fundação de Ensino de Contagem-FUNEC.

** Licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestranda da Faculdade de Educação pela mesma instituição.

Os espaços culturais, ao aguçarem a curiosidade dos visitantes, proporcionam a busca do conhecimento (FREIRE, 2004). Tornam-se, portanto, espaços privilegiados para ensinar/aprender. Neles são estimulados os sentidos, ampliando significativamente as possibilidades da educação. E, desde que haja uma proposta educativa eficiente, é possível ressignificar a relação que o educando estabelece com este tipo de instituição. O aluno pode estabelecer vínculos entre os seus saberes e o acervo, percebendo que aquilo que antes era visto como inacessível pode ser entendido, reinterpretado e apropriado.

O conhecimento prévio deve ser o instrumento que permita ao aluno estabelecer ligações entre o particular e o geral. Conhecer e valorizar a experiência do aluno é importante para inseri-la de maneira dialógica junto aos outros conhecimentos. Se esta é uma premissa para o ensino-aprendizagem de qualquer grupo de educandos, torna-se ainda mais relevante quando se trata da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Afinal, esses educandos têm uma grande experiência de vida, contatos com o mundo do trabalho e já constituíram um núcleo familiar próprio; têm a vivência de um ser humano adulto. Ao longo dos anos, esses sujeitos, independentemente da sua trajetória escolar, construíram significados, valores e saberes que não podem ser ignorados no espaço escolar.

Tendo em vista as possibilidades da educação não-formal e as especificidades dos educandos da EJA, o presente trabalho propõe-se, através de um relato de experiência, problematizar as questões acerca da utilização do espaço de uma casa de cultura na EJA. O relato refere-se à experiência de visita orientada à exposição “Arte Italiana do MASP” na Casa FIAT de Cultura - Nova Lima-MG, da qual participaram duas turmas de EJA de Ensino Médio, da Unidade CAIC-Jardim Laguna da Fundação de Ensino de Contagem-FUNEC, em abril de 2006. O trabalho foi coordenado pelas professoras de história, entretanto, foi um projeto elaborado por uma equipe interdisciplinar. O que, em princípio, seria uma visita técnica suscitou, para alunos e professores, uma reflexão profunda, trazendo desdobramentos não previstos anteriormente, que contribuíram para repensar as formas de apropriação de bens culturais e a construção de conhecimentos na EJA. O encantamento/estranhamento dos alunos, presenciado durante a experiência, foi riquíssimo para a reflexão teórico-metodológica da interação museu-escola.

A alfabetização é um dos objetivos principais dos programas de EJA, mas não é o único. Quando retornam ao ensino formal, superadas as dificuldades iniciais, estes educandos vão ampliando suas expectativas em relação à educação: não basta saber ler e escrever e dominar as operações básicas, existe o desejo de conquistar um saber mais significativo e amplo. E, nesta perspectiva, foi implantada a EJA na modalidade de Ensino

Médio na FUNEC. A especificidade da organização curricular nesta instituição, que se dá em 3 módulos de 6 meses com 3 disciplinas em cada um deles, tornou necessária a criação de um projeto que interligasse as três disciplinas do 1º módulo (história, artes e português), promovendo a construção do conhecimento de uma forma orgânica, interligada e não-fragmentada.

No que se refere à disciplina de história, logo no início do semestre letivo, percebeu-se a necessidade da criação de um eixo temático que pudesse guiar as discussões, uma vez que adotar o simples esquema linear (da pré-história aos dias de hoje) tornava-se inviável, correndo riscos de promover um saber descontextualizado. Assim, optou-se em trabalhar a questão-problema – “Por que nos dizemos ocidentais?” – que nos possibilita questionar os currículos oficiais que privilegiam a história européia e omitem outras tantas histórias possíveis. A visita à exposição na Casa FIAT surge, então, como uma oportunidade para desenvolver aspectos relativos à nossa questão-problema, além de ser o mote para a discussão interdisciplinar.

Primeiramente, os professores envolvidos no projeto participaram da visita orientada, promovida pelo serviço educativo da Casa FIAT, pré-requisito para a realização atividade com os alunos. A iniciativa demonstrou que os setores educativos destas instituições têm pensado estratégias que favoreçam a apropriação cultural pelo público em geral e das escolas. No caso do público escolar, observou-se uma tendência de se trabalhar previamente com o professor de forma que a visita ao espaço cultural não seja um aparte no processo educativo, mas sim um elemento constitutivo deste processo.

A partir desta visita orientada percebeu-se que o acervo da exposição, devido à diversidade de sua composição – pinturas, esculturas, cerâmicas e livros raros de diferentes períodos da história italiana – possibilitava uma série de abordagens e problematizações. Entretanto, foi preciso fazer recortes e escolhas, a partir dos quais montou-se um planejamento para a visita, de forma a destacar aspectos significativos, relacionando-os ao eixo-temático. Nesse planejamento privilegiaram-se as seguintes questões: Por que nos dizemos ocidentais?, O que é clássico?, a religiosidade no Renascimento, o surgimento da sociedade burguesa. Através desse instrumento, elaborou-se um roteiro que foi repassado ao serviço educativo, apontando previamente as obras que ajudariam a desenvolver a problematização.

Feito este plano, identificando os objetivos a serem alcançados, houve a preocupação em não ignorar a dimensão mutável de qualquer planejamento, pois outras questões poderiam surgir à medida que os educandos estabelecessem vínculos com o acervo.

Através da observação e da percepção, certamente surgiriam novos questionamentos, o que não invalida o planejamento. O surgimento de leituras múltiplas demonstra a interação entre sujeito e objeto, portanto, as leituras de professor e alunos não têm que ser, necessariamente, convergentes. “Educar e comunicar em museu é ressignificar. (...) Como não há um significado único verdadeiro, o(s) significado(s) é(são) compartilhado(s) e/ou negociado(s).” (CABRAL, 2004:55-56).

Como parte do planejamento, promoveu-se uma discussão com os alunos, buscando diferenciar conceitualmente museu e casa de cultura. Foi feita também uma sondagem sobre o imaginário dos educandos em relação aos espaços culturais. Era necessário deixar explícitos os objetivos educacionais da atividade e apreender as expectativas dos alunos. A partir dessa sondagem, percebeu-se que havia uma estreita associação entre museu e “coisa velha”. Uma hipótese para esta vinculação seria a concepção arraigada da história como o estudo do passado, do velho. Não se pode ignorar que a maioria destes alunos teve a sua escolarização nos moldes da educação tradicional, em que aprender história era decorar nomes, datas e grandes acontecimentos do passado.

Essa preparação inicial foi importante para que os alunos percebessem os objetivos educativos da visita. Por outro lado, o planejamento não pode se sobrepor à experiência: o saber realmente significativo se dá na relação entre o educando e as obras, a partir da sua crítica e de seus questionamentos. Caberá ao educador mediar essa relação, mas não direcioná-la, podendo criar artifícios que instiguem a capacidade investigativa dos alunos. No caso desta visita, antes de adentrar a exposição, foram utilizadas duas estratégias para aguçar a curiosidade dos alunos, uma suscitada pela Casa FIAT, e outra pelos professores: a distribuição de cartões-postais que traziam estampados fragmentos das peças que os alunos deveriam procurar reconhecer, sendo pedido também a observação quanto à existência de assinaturas nas obras.



Cartão-postal com detalhe da peça
“Vaso de Farmácia”.



Vaso de Farmácia (Albarello)
Toscana (Siena), século XVI, datado
1515. Dimensões: altura 27,6 cm,
largura 13 cm.

Os artificios atenderam às expectativas uma vez que os educandos ficaram instigados com as propostas e demonstraram acuidade ao observar as obras. No caso dos postais, os alunos, após uma rápida observação do ambiente, criaram uma hipótese para a localização de uma das peças, iniciando por este local a visitação. Com relação às assinaturas, criou-se um elo para a discussão sobre a idéia de individualidade e de autoria. Já atentos para a existência ou não dessas, os alunos da EJA direcionaram seus olhares para um detalhe que havia passado despercebido para os professores – uma informação recorrente nas plaquetas de identificação onde o nome do autor, muitas vezes, vinha acompanhado da inscrição “e ateliê”. Essa observação contribuiu significativamente para a discussão de autoria e para a reflexão de que alguns nomes são privilegiados na história, em detrimento de outros.

A visita iniciou-se no setor das maiólicas¹, área que os alunos acreditaram que estava a peça indicada em um dos cartões postais. A primeira reação dos educandos foi de encantamento com a beleza das peças. Neste momento, a educadora da Casa FIAT, atendendo a uma demanda do roteiro, problematizou a respeito da funcionalidade dos pratos de cerâmica. Quando perguntados, os alunos os identificaram pelo seu valor artístico e não perceberam o objeto como um utilitário no seu contexto de produção. Isso possibilitou a introdução do conceito de arte e como as coisas, quando estão em outro contexto, adquirem novos significados.

No mesmo setor, os alunos foram levados a observar as ilustrações dos pratos. A intenção era que eles percebessem que as imagens não correspondiam ao padrão da tradição greco-romana. Embora as peças datassem do período renascentista, elas traziam características diferentes daquelas atribuídas a este período, com figuras inspiradas nas grotescas².



À esquerda Prato do fim do século XVI. Dimensões: altura 6,5 cm, diâmetro 41,4 cm.
Acima, detalhe ampliado do mesmo.

¹ O termo maiólica era usado para indicar a cerâmica fundida em uma resina oleosa original da ilha espanhola de Maiorca. (CARVALHO, 2006:42)

² “Termo cunhado em pleno Renascimento, do italiano grotta (gruta), seguido do sufixo formador de adjetivo – esco, o grottesco. (...) A palavra inaugural do estilo grotesco surge a partir das escavações feitas em 1480, em Roma, no local onde hoje é o parque de *Oppius*. Ali, sob restos das termas de Trajano e das de Titus, descobriu-se, nas ruínas da *Domus Aurea*, (o palácio do imperador romano Nero, 58-64 a.C.), uma espécie de pintura ornamental totalmente insólita em relação à imagem que se tinha do classicismo romano.” (RODRIGUES, 2007)

Em sala de aula já havia sido feito um trabalho discutindo as características artísticas do mundo greco-romano e do renascimento e esperava-se que os alunos estabelecessem ligações entre os conteúdos e a sua observação. A idéia era que eles percebessem que mesmo nestas “culturas clássicas” também havia influências das mais diversas origens, não se configurando como “culturas puras”. Ao ressaltar esses aspectos buscava-se problematizar o porquê da reprodução, em livros didáticos, da cultura greco-romana como harmoniosa e original. Para os alunos não foi fácil perceber estas associações sendo necessária uma intervenção dos educadores e professores.

Na observação do quadro “São Sebastião na Coluna”, de Pietro Perugino & ateliê (imagem à direita), os alunos identificaram alguns elementos do Renascimento como a presença da temática religiosa, a androgenia da figura e a simetria da pintura. Eles ressaltaram que São Sebastião apresentava um semblante sereno, contemplando o céu, apesar das flechas cravadas em seu corpo.



Nos quadros de temática religiosa, os alunos tiveram maior facilidade de reconhecer as passagens bíblicas nos quais eles eram inspirados. A familiaridade com a temática – em razão de uma vivência religiosa cristã – possibilitou um maior número de inferências e comparações. Nesse contexto, ficou latente os saberes extra-escolares que os educandos trazem consigo e as formas como eles conseguem relacioná-los com parte do acervo. Uma vez que os quadros religiosos chamaram mais a atenção dos alunos da EJA, suscitaram mais perguntas e permitiram maior interação destes com as obras, houve uma reavaliação do planejamento, no qual se dava mais ênfase aos quadros de temática mitológica.

Um outro quadro pré-selecionado para discussão foi o “Retrato do Cardeal Cristoforo Madruzzo”, de Tiziano Vecellio (imagem à direita). Através dessa obra, buscava-se discutir aspectos da Reforma Protestante e da Contra-Reforma, e, principalmente, a relação que cada um destes grupos estabelecia com a noção de tempo. Nesse quadro, a iluminação e todas as linhas convergiam para o relógio descortinado pelo cardeal (detalhe ampliado à direita, embaixo), servindo como alegoria sobre a efemeridade do tempo terreno, aspecto ressaltado durante a Contra-Reforma. Mesmo sendo difícil para os alunos entenderem algumas das relações suscitadas, o quadro possibilitou retomar conceitos já



discutidos. Enfim, trabalhar as múltiplas noções de tempo em sala de aula é sempre muito difícil e no espaço da Casa FIAT houve a possibilidade de dar continuidade a essa discussão.

Ao ser planejada a visita, esperava-se ressaltar determinados aspectos do acervo, conforme objetivos pré-definidos. Havia a percepção de que apareceriam outras inquietações e curiosidades, mas, por ser uma visita em grupo na qual a troca de opiniões e o compartilhamento de experiências eram importantes, não se imaginava que um aluno fosse se apartar do grupo, realizando uma visita individual, no seu próprio tempo. Então, uma nova problemática se apresentou: respeitar os interesses do aluno ou reintegrá-lo para que ele partilhasse das experiências do grupo?

Aquele aluno que se separou do grupo acabou criando seu próprio modo de se relacionar com a exposição. Entretanto, deixou de compartilhar significados e experiências com os seus colegas, perdendo parte da atividade. Segundo Adriana Machado: “o silêncio e o tempo das visitas coletivas são diferentes dos das visitas individuais, geram outro conhecimento e talvez outra percepção da imagem vista, pois são acrescidos de múltiplos olhares e opiniões.” (MACHADO, 2005:106).

Na discussão posterior à visita, percebeu-se que mesmo tendo visto as mesmas obras e escutado as mesmas orientações, cada aluno estabeleceu uma relação particular com o que foi apresentado. Alguns ficaram encantados com os pergaminhos e livros raros, principalmente os manuscritos; outros se impressionaram com a conservação das peças arqueológicas de vidro e cerâmica da Magna Grécia.

Num primeiro momento, a discussão adquiriu um caráter mais descritivo. Os alunos comentaram sobre as peças que haviam gostado mais, falaram, também, de como aquela experiência havia sido significativa. Para alguns, tinha sido a primeira oportunidade de visita a uma casa de cultura; outros, disseram que o espaço da Casa FIAT era diferente daquilo que conheciam; um dos alunos disse que não imaginava que poderia entrar em um espaço como aquele e que a escola havia proporcionado-lhe acesso a algo que não fazia parte de seu cotidiano. Para muitos, a atividade proporcionou a descoberta e apropriação de novos espaços culturais.

A partir da indagação de uma aluna sobre os processos de restauração, foi possível problematizar a intencionalidade da conservação de algumas peças. Por que algumas peças são guardadas e outras não? O que faz com que um objeto tenha “valor” para história ou valor para o mercado? Outra reflexão que surgiu a partir dessa proposição, foi sobre a retirada de determinadas peças de seu contexto para guardá-las e colocá-las em exposição. Com isso, os alunos associaram à discussão polêmica da retirada dos profetas de Aleijadinho do largo da

Igreja Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo(MG), que estão se deteriorando com a ação do tempo.

Outro ponto a se destacar refere-se à angústia de alguns alunos em relação ao que eles chamaram de “limitação de seus conhecimentos”. Eles disseram achar tudo muito bonito, ter gostado da experiência, mas tiveram, diante da exposição, uma sensação de ignorância. Em razão desses depoimentos, refletiu-se sobre a especificidade da arte como objeto a ser conhecido, pontuando que para admirá-la não é condição *sine qua non* conhecer a técnica e o contexto de produção. Frente a essa inquietação, o professor de português explicitou suas próprias limitações, afirmando que para ele a visita também foi um momento de aprendizado. Esse comentário suscitou a afirmação de uma aluna: “*Eu não sabia que professor não sabia*”. Nesse estranhamento estava implícito o conceito de professor como ser dotado do conhecimento. Essa discussão possibilitou a desmitificação do professor onisciente.

Após a avaliação de todo o processo, a equipe de professores concluiu que a experiência foi proveitosa e que os alunos gostaram. Percebeu-se que os educandos reconheceram a atividade como parte do processo educativo, atribuindo sentido às diversas etapas desenvolvidas.

As conclusões dessa atividade serviram para repensar alguns de nossos posicionamentos como educadores: a ligação entre os conteúdos estudados em sala de aula e a realidade observada, embora possível, não é, na maioria das vezes, feita de imediato pelos alunos; é preciso respeitar o tempo de cada um. Embora o planejamento da atividade em espaços de educação não-formal seja necessário, as questões e os aspectos que fazem parte do recorte do professor, nem sempre coincidem com os pontos importantes para os educandos. Essas são conclusões parciais, advindas de uma prática pontual, mas que apontam para a necessidade de mais estudos sobre educação em espaços não-formais para essa modalidade com características tão específicas como a EJA.

Referências bibliográficas:

CABRAL, M. “Dossiê CECA-Brasil” *Musas* – Revista Brasileira de Museus e Museologia. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004, v.1, n.1.

CARVALHO, C.L.C.M. “Coleção Imbert de Maiólicas no MASP” *Arte Italiana no MASP: na Casa Fiat de Cultura*. 2006

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 3ª ed., 1996.

IGLESIAS, F.J.M.; PÉREZ, F.F.G. “Uma metodologia basada em la idea de investigacion para la enseñanza de la historia”. In: AISENBERG, B.; ALDEROQUI, S. (orgs.). *Didáctica de Las Ciencias Sociales: aportes e reflexiones*. Buenos Aires: Paidós Educador, 1994.

MACHADO, A.A. “O seu olhar melhora o meu: o processo de monitoria em exposições itinerantes”. OSTETTO, L.E.; LEITE, M.I. (orgs.) *Museu, Educação e Cultura: encontros de crianças e professores com a arte*. Campinas: Papirus, 2005.

RODRIGUES, S. C. “Grotresco”. www.fcsh.unl.pt/edti/verbetes/G/grotresco.htm. Acessado em 27/04/07.

YVES, R. “Struturer le temps historique”. HUBER, M (org.) *L’Histoire, indisciplinée nouvelle*. Paris: Syros, 1984, p.205-214.

As imagens utilizadas foram reproduzidas do catálogo *Arte Italiana no MASP: na Casa Fiat de Cultura* com fotos de Luiz Hossaka. Obras do acervo do MASP.